

JORNAL DE ESPOSENDE

mensário informativo e regionalista



14720

“Jornal de Esposende”

Fundado por um Grupo de Esposendenses

Director e Proprietário:

Armando Marques Henriques

Redacção-Administração

Avenida Marginal — Norte

4740 ESPOSENDE

Composição e Impressão

Editora Poveira, L.da

R. Manuel Silva/4400 Póvoa do Varzim

Preço: 15\$00

O Plano de Urbanização de OFIR é motivo de inquérito

Conforme noticiamos, a Assembleia Municipal de Esposende deliberou instaurar inquérito para esclarecer as afirmações produzidas pelo Presidente da Câmara, Eng.º Alexandre Losa, relativamente ao bloqueio para ser elaborado o Plano de Urbanização de Ofir.

Pretende-se esclarecer melhor a situação do problema e evitar, tanto quanto possível, empolamentos ou dramatização na opinião pública ou, que poderão rolar cabeças em consequência do inquérito.

Cativar os investimentos em Ofir

O consenso alcançado entre a Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, Direcção dos Serviços Regionais do Planeamento do Norte e a Câmara Municipal, em 1979, levou à adjudicação e pagamento das despesas pela elaboração do Plano de Urbanização de Ofir, pelo respectivo Ministério. O trabalho seria entregue a gabinete da especialidade, em moldes já habituais.

O Ministério das Obras Públicas, por despacho de 9 de Outubro de 1980, defere o pedido e o respectivo Gabinete oficial «que a pretensão da Câmara Municipal fôra satisfeita». Os dois anos de lutas para se alcançar tão importante objectivo fôra conseguido, se considerarmos que, pela Lei das Finanças Locais, tal pretensão a conseguir-se, seria a expensas do erário municipal.

Além do mais, interessa, segundo declaração do Presidente da Câmara, «disciplinar uma extensa área de interesse turístico, definir o que queremos em Ofir e fazer propostas para o desenvolvimento no aspecto turístico e apresentar, uma qualidade de infra-estruturas e sugestões ao ponto de trazer financiamentos para o concelho».

Como princípio básico para fomento turístico de qualidade e de total aproveitamento das potencialidades da estância de Ofir, o objectivo enquadra-se claramente e constitui a permissa — pelo menos teórica — para se cativarem investimentos, em larga escala.

Contudo, a partir de 13 de Outubro, há conhecimento de que o Plano é suspenso, não havendo sequer oportunidade de elaboração do respectivo

contrato com o Arq.º Álvaro Siza Vieira, técnico de craveira cujos trabalhos são regularmente publicados em revistas da especialidade com difusão a nível internacional. Seria, segundo o Presidente da Câmara, «um meio gratuito de publicidade do Plano e susceptível de atrair os capitais estrangeiros».

Nem todos remam para o mesmo lado

Entretanto, em reuniões do município, o problema fôra abordado, constando nas actas n.º 21 e 22, de 1980, a confirmação de interferência junto do Secretário de Estado do Urbanismo e Habitação e que levou a Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico à suspensão dos trabalhos relativos ao Plano de Ofir. Consta até, a confirmação do vereador Eng.º Fernandes Ribeiro de «interferência a nível geral para abertura de concurso e não no caso específico de Ofir». Outro vereador, Manuel Ferreira, declarou numa dessas reuniões que é uma honra ter vereadores capazes de fazer apreciações desta natureza.



IGREJA PAROQUIAL DE

Forjães

— Uma das maiores Freguesias do Concelho, da qual neste número damos larga reportagem.

O Presidente da Câmara lamenta que, quando se trata de assunto de interesse para o concelho não sejam todos a remar para o mesmo lado, quando afinal, não há despesas para o município».

Plano de Pormenor sem Plano Geral

Visto o problema por um dos lados, impunha-se saber do vereador Eng.º Fernandes Ribeiro (como provável autor da interferência junto do Secretário de Estado), a situação do denominado bloqueamento do Plano de Ofir.

«Jornal de Esposende» recolheu, do Eng.º Fernandes Ribeiro, o seguinte depoimento:

— Que tenha conhecimento, não há bloqueamento algum. Se o assunto se refere à minha pessoa como vereador municipal, não há qualquer ingerência na actividade municipal.

Do que tenho conhecimento e do que se passou, está tudo expresso nas actas das sessões realizadas, presumivelmente em Maio e quando o Sr. Presidente apresentou uma proposta verbal para adjudicação ao Sr. Arq.º Álvaro Siza Viei-

ra do Plano de Urbanização de Pormenor para determinada zona de Ofir. Votei contra a entrega pelo facto de não haver Plano Geral, não definir a área a tratar, não virem explicitadas as verbas que totalizavam e a assumir pela Câmara. Viquei bem, então, que nunca seria de entregar Plano de Pormenor sem Plano Geral. Informou, nessa altura, o Presidente da Câmara que, era sua intenção levar a Direcção Geral do Planeamento Urbanístico a entregar, ao mesmo arquitecto, o Plano Geral.

Discordei, dizendo que havia outros arq.tos a consultar.

Numa das reuniões de trabalho com o Sr. Secretário de Estado do Urbanismo e Habitação, fui informado que a insistência do Presidente da Câmara, despachou o pedido apresentado, tendo então perguntado a quem foi adjudicado o trabalho e, obtive, como resposta: o assunto passa pela Direcção de Serviços.

(continua na 2.ª página)

Editorial

VOTOS DE BOM ANO

É constante ouvir da boca do povo que «o ano que vem nunca será melhor do que os que passaram». Os leitores também estarão apreensivos quanto ao futuro. É a turbulência política mundial, os fracos recursos económicos em Portugal e muitos outros factores que nem vale a pena mencionar.

A medida que os anos passam, vai sendo cada vez mais difícil viver. Os homens que jogam a esfera do mundo, já não sabem conter o receio que lhe sopra. Auguram-se maus presságios. Enfim, as pessoas vivem sobretudo o presente.

1981 começou. O relógio não pára. Os conflitos continuam. Todos os dias, os acontecimentos serão de maior ou menor destaque, susceptíveis ou não de nos impressionar, chocar e magoar.

Apesar de tudo, haverá também uma esperança. Uma luz que ilumine a sensatez. Os humildes, os pacientes, os que têm o dom da misericórdia, os que têm fé, saberão vencer as piores intempéries da agitação social. Está nas nossas mãos construir um bom ano de 1981. Haja o que houver e um pingo de solidariedade humana fará arrefecer e atenuar o desespero.

Ser humano, português, amigo leitor, pronuncia todos os dias a palavra «solidariedade», medita-a. Coloca-a à frente das tuas atitudes e então verás como ajudaste a construir um ano bom e feliz.

O DIRECTOR

I Congresso Nacional dos Autarcas do CDS

EM ESPOSENDE

Entre 20 e 22 de Fevereiro próximo vai realizar-se, nesta vila, o I Congresso Nacional dos autarcas do Centro Democrático Social (CDS).

Entre outras questões os congressistas vão reflectir e analisar «a problemática que enquadra a administração regional e local no País».

O Prof. Diogo Freitas do Amaral, Presidente do CDS, estará presente neste congresso.

Curso de Jornalismo

Conforme noticiamos no nosso último número, irá realizar-se, a partir do corrente mês e durante sete sábados consecutivos, um curso de iniciação ao Jornalismo, organizado pelo Gabinete de Imprensa de Guimarães, com patrocínio do FAOJ e Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Por motivos alheios à organização as aulas iniciar-se-ão em 17 deste mês e terão lugar na Escola Preparatória desta vila.

Para além dos inscritos, em número de 29, os quais foram aceites na totalidade, poderão ainda assistir a estes cursos todos aqueles que colaboram na imprensa diária e regional.

Esposende em noticia...

Diálogo com o leitor

Impasse no Bar da Praia

Leitor e assinante de «Jornal de Esposende» trouxe até nós mais um problema que, pela sua relevância e interesse para o desenvolvimento da praia merece ser abordado.

O Bar da praia foi propriedade municipal e, posteriormente, vendido em hasta pública. O preço, bem irrisório, permitiu uma cláusula: transformar o bar num complexo hoteleiro, confortável e com infra-estruturas capazes de proporcionar o incremento turístico da zona de Esposende.

Já lá vão uns anos. Tudo continua na mesma, excepto os buracos abertos à volta do edifício e as marcações que, à primeira vista, serão de alicerces. A cláusula continua por cumprir, volvidos alguns anos. Porquê?

A pertinência da pergunta justifica-se e merece a nossa concordância.

Recordamos que dentro de seis meses, temos nova época balnear e, como se prevê, tudo continuar como até agora, os milhares de veraneantes vão pensar e muito logicamente, o abandono, o desinteresse e a inépcia dos responsáveis. E as infra-estruturas para um turismo sério e capaz, continuam a faltar, tal como alojamentos e outro equipamento necessário para o desenvolvimento da zona de turismo de Esposende.

É um facto que, sem estruturas capazes, não se pode fazer turismo. Os investidores, em face de tanta dificuldade e burocracia, desviam-se para outras localidades mais progressivas e acolhedoras.

O domínio público marítimo embargou a obra do Bar da praia. O desbloqueamento será, quanto a nós, possível, numa conjugação de esforços que passam pelas entidades mais ligadas ao turismo: Câmara Municipal e Direcção-Geral de Turismo.

Não desejamos que Esposende seja uma terra de impatas...

Carlos Alberto Eiras da Silva

AGRADECIMENTO

Sua família, verdadeiramente sensibilizada, vem por este meio agradecer a todos aqueles que tomaram parte no funeral do saudoso extinto, bem como às pessoas que, de qualquer outra forma, lhes manifestaram o seu pesar e solidariedade na hora difícil que atravessaram. Expressam, ainda, o seu reconhecimento e gratidão a todos quantos se dignaram assistir aos actos religiosos celebrados por sua intenção.

Esposende, 30 de Dezembro de 1980.

A FAMILIA

Edifício da Câmara

Após as obras de conservação e adaptação por que passou o vetusto edifício dos Paços do Concelho, dentro em breve, possivelmente a partir de 15 de Janeiro, serão instalados os serviços da Câmara Municipal, de Turismo e obras.

A obra ultrapassa os doze mil contos e encontra-se concluído, dispondo de instalações mais condignas e funcionais.

Lampreias no Cávado

Recentemente, foram apanhadas as primeiras lampreias no rio Cávado. O Zé da Vila e o Miquelino apanharam a primeira que valeu 1100\$00. Era pequena e pouco mais tinha que o quiló.

Na ponte de Fão, pelo sistema que é já tradicional — até perigoso — foram apanhadas cinco, e o preço rondou os 1000\$00 por quiló.

Há, realmente, desejos muito bem pagos.

Amigos do nosso Jornal

Durante o mês de Dezembro findo, pagaram pela assinatura anual, a importância de 500\$00, os nossos assinantes:

Dr. Brás Marques, Dr. Juvenal Silva, Dr. Fernando Barros e Dr. Cândido Lamas.

Falecimentos

Dozembro, 19 — Eva Gonçalves Ferreira da Silva, viúva, de 79 anos de idade, cujo funeral se realizou no dia 20, tendo sido sepultada em jazigo de família.

Dozembro, 22 — Maria dos Anjos Lopes Miranda, viúva de Augusto Gonçalves Marques, de 69 anos de idade, mãe de D. Dulce Marques Ferreira e do nosso estimado assinante e amigo Francisco Miranda Marques. O seu funeral realizou-se no dia 23, para o Cemitério Municipal, sendo sepultada em jazigo de família.

Dozembro, 23 — Carlos Alberto Eiras da Silva, casado, de 23 anos de idade, operário fabril nas Confecções Cávado. A sua morte foi sentida por inúmeras pessoas que o acompanharam à sua última morada no cemitério desta vila. As circunstâncias do seu atropelamento encontram-se ainda por esclarecer. A notícia, essa correu de boca em boca nesse fim de tarde da antevéspera de Natal, quando o Carlos Alberto vinha buscar a esposa às Confecções Ofir.

Deixou na orfanidade uma criança de tenra idade, para além da viúva e dos pais.

A todas as famílias enlutadas «Jornal de Esposende» apresenta condolências.

O Plano de Urbanização de OFIR

(continuação da 1.ª página)

Coube-me a vez de esclarecer o Sr. Secretário de Estado que a Câmara Municipal de Esposende tinha adjudicado o Plano de Pormenor e que não concordava que se entregasse o Plano de Pormenor sem o Plano Geral.

Não há bloqueamento

Numa das reuniões em que estive ausente por motivos profissionais, prossegue o Eng.º Fernandes Ribeiro, veio à Câmara uma minuta de contrato para entregar ao Sr. Arq.º Silva Vieira, o Plano de Pormenor para a área, lado sul da via de acesso a Ofir. Vi também que foram liquidados, na altura da assinatura do contrato, cerca de 200 contos, 20% do valor desse contrato.

Posto isto, disse ainda o vereador Eng.º Ribeiro, é apenas do meu conhecimento que vai ser estabelecida a legalidade que é a norma em todos os serviços ao fazerem-se entregas ou aquisições de serviços a prestar. Creio, respondendo à questão posta, não há bloqueamento mas, unicamente, abertura de concurso. Sempre desconhecemos as razões por que se evitam os concursos.

Se há ou não bloqueamento à elaboração do Plano de Urbanização de Ofir, nada podemos afirmar. Competirá à comissão de inquérito, nomeada pela Assembleia Municipal, apresentar as conclusões e agir de acordo com as normas vigentes para casos semelhantes.

A comissão de inquérito é constituída pelo Sr. João Vilarinho, pelo CDS; Dr. Brás Marques, do PSD; e Eng.º Meira Gonçalves, da APU.

Os trabalhos deverão iniciar-se brevemente, dispondo a comissão de trinta dias para apresentar o relatório e conclusões em próxima reunião da Assembleia Municipal.

IDEIAS & FACTOS

(continuação da 6.ª página)

menino que só quando dormia na casa com os avós, a casa dos pais do menino ficava sossegada. Caso contrário, ou seja, quando o menino dormia com os pais, era semelhante ventania a roçar as janelas, a fazer bailar os cortinados, a abrir e fechar as portas; a partir os ovos que estavam no frigorífico... mas só os caseiros... os de aviário, comprados, ficam direitinhos!

(Isto só nos revela que o inconsciente comanda a «luta» com uma inteligência superior à do consciente).

Em 3.º lugar, a pessoa que produz tais fenómenos não sabe que é ela a produtora de tal situação, isto porque a movimentação (orientação) e todo o desenvolvimento da acção pertence ao inconsciente.

Para terminar e para deixar alguns espíritos mais sossegados direi que tal energia não alcança objectos que distem mais de 50 metros da pessoa produtora.

SAMPAIO AZEVEDO

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Esposende

VITOR MANUEL LEITE DA MOTA, Notário do Cartório Notarial de Esposende:

CERTIFICO, narrativamente e para fins de publicação que, por escritura de 12 de Dezembro de 1980, lavrada de fls. 13, v.º a fls. 15, v.º do livro de «Escrituras Diversas» n.º 4—B, deste Cartório, ARTUR SOUSA LEITE, casado, natural da freguesia de Gilmonde, do concelho de Barcelos, e residente na Avenida da Praia, na freguesia de Apúlia, deste concelho de Esposende, e VITOR MANUEL DA CONCEIÇÃO PEREIRA, casado, natural da freguesia de Massarelos, da cidade e concelho do Porto, e residente na Rua do Paraíso, n.º 112, na mesma cidade do Porto, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual será regulada pelas disposições constantes dos artigos seguintes:

«ARTIGO PRIMEIRO: — A sociedade adopta a firma «ARTUR & PEREIRA, LIMITADA», tem a sua sede na Rua do Facho, na freguesia de Apúlia, do concelho de Esposende, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de doze de Dezembro de mil novecentos e oitenta; e

PARÁGRAFO ÚNICO — A sociedade poderá transferir a

sua sede, dentro desta localidade, assim como criar e encerrar filiais ou sucursais onde entender conveniente, mediante deliberação em Assembleia Geral;

ARTIGO SEGUNDO — A sociedade tem por objecto a indústria de confecções, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de actividade industrial ou comercial que venha a ser resolvido explorar;

ARTIGO TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de dois milhões de escudos, e corresponde à soma de duas quotas, cada uma de um milhão de escudos e pertencendo cada uma delas a cada um dos sócios; e

PARÁGRAFO ÚNICO — Os sócios poderão efectuar prestações suplementares de capital quando a sociedade delas carecer, nas condições de subscrição, reembolso e remunerações que forem fixadas em Assembleia Geral;

ARTIGO QUARTO — São livres entre os sócios, bem como entre estes e os seus descendentes, as cessões de quotas e as necessárias divisões, carecendo estes actos, quando a favor de estranhos, do consentimento da sociedade, à qual fica reconhecido o direito de preferência, direito que, não querendo a sociedade usar

dele, se devolve aos sócios não cedentes; e

PARÁGRAFO ÚNICO — O sócio que pretender ceder a sua quota avisará a sociedade e os restantes sócios por meio de carta registada com aviso de recepção, indicando o pretendo cessionário, o preço e condições de pagamento, devendo a sociedade comunicar, no prazo de sessenta dias após recepção do aviso, se consente ou não na cessão e se ela ou os restantes sócios exercem ou não o direito de preferência;

ARTIGO QUINTO — Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os respectivos herdeiros ou representante legal tomarão o seu lugar na sociedade, exercendo aqueles, em comum, os direitos inerentes à quota e designando um de entre eles que a todos represente enquanto a mesma se mantiver indivisa; e

PARÁGRAFO ÚNICO — Se os herdeiros do finado ou representante do incapaz não puderem ou não quiserem exercer esses direitos, a sociedade continuará com os sócios sobreviventes ou capazes, pagando àqueles o que entre eles for acordado e, na falta de acordo, será a quota amortizada pelo valor que for fixado judicialmente;

ARTIGO SEXTO — A cada quota de valor igual ou superior a vinte e cinco por cento do capital fica conferido o direito de indicar um gerente para a sociedade;

PARÁGRAFO PRIMEIRO

— Ficam desde já nomeados gerentes ambos os sócios;

PARÁGRAFO SEGUNDO — A gerência, com dispensa de caução, terá a remuneração que for fixada em Assembleia Geral; e

PARÁGRAFO TERCEIRO — É indispensável a intervenção de dois gerentes para validamente representar e obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos;

ARTIGO SETIMO — Dos lucros líquidos apurados anualmente retirar-se-ão dez por cento para fundo de reserva legal, retirando-se, ainda, os fundos que forem votados para constituição de reservas especiais e sendo o remanescente dividido entre os sócios na proporção das suas quotas;

ARTIGO OITAVO — A sociedade amortizará a quota de qualquer sócio que infrinja o disposto no artigo quarto dos presentes estatutos e, bem assim, a daquele sócio que tenha comportamento nocivo aos interesses sociais; e

ARTIGO NONO — As Assembleias Gerais, quando a lei não prescreva outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, expedidas com a antecedência mínima de quinze dias.

É certidão narrativa que extrai e vai conforme ao original.

Esposende, doze de Dezembro de mil novecentos e oitenta.

O Notário,

(Vitor Manuel Leite da Mota)

TERRAS DO NOSSO CONCELHO

FORJÃES

Coordenação e reportagem por DÍDIMO MESQUITA

«As carências da nossa freguesia são as mesmas de todas as terras. Vive-se só, não há protecção» — disse-nos o Sr. Ricardo Torres

A propósito da criação dum Corpo de Bombeiros e Posto da G. N. R., dir-nos-ia nada saber de concreto — «Às vezes as pessoas também sonham».

J. E. — Quais são por agora as aspirações da Junta de Freguesia de Forjães?

— Muito amável, como é seu timbre, o Sr. Presidente disse:

P. J. — Em primeiro lugar, queríamos ver todos os caminhos da nossa freguesia à altura dos desejos dos utentes, com bom piso, quer de pedra e terra ou de asfalto, que seria o ideal.

Em segundo lugar, que todos os lugares de Forjães tivessem luz pública.

E em terceiro, gostaríamos de colocar um fontenário nos lugares da Pedreira, Além do Ribeiro, Madorra e Monte Branco.

J. E. — E o caminho de acesso ao campo de futebol?

P. J. — Esse caminho, assim como o da Madorra, já estão adjudicados.

J. E. — Quanto ao resto da electrificação da freguesia que sabe o Sr. Presidente?

P. J. — Está no orçamento do nosso mandato de 3 anos.

J. E. — Quando procuramos disciplinar a Feira de S. Roque, já que o aumento de feirantes tem aumentado tanto, e ninguém está lá a ordenar?

P. J. — Pensamos nomear uma «Comissão de Amigos da Feira» para o ano de 1981.

J. E. — Fala-se que vão vender um pedaço de terreno em S. Roque, onde já existe — abusivamente — uma vinha. Não receiam a reacção do povo?

P. J. — Esse caso da venda do terreno, em S. Roque, foi posto à deliberação da Assembleia de Freguesia. É esse órgão autárquico que se deve pronunciar.

J. E. — Sabendo que o caminho da Galegã, é o acesso mais cómodo, para as pessoas da freguesia irem à feira, não acham que devia ser melhorado?

P. J. — Achamos sim senhor. Para isso, até temos uma promessa de ajuda, dos proprietários da Quinta de Curvos.

J. E. — Porque não tem sido utilizado o cemitério novo?

P. J. — Felizmente, não tem feito falta utilizá-lo. Logo que se precise, não há impedimento algum.

J. E. — Aquele terreno frente às Escolas Rodrigues de Faria, e que é propriedade da Junta da Freguesia, quando será urbanizado?



Na sequência das reportagens levadas a efeito por «Jornal de Esposende» nas diversas freguesias do concelho, no número de hoje debruçar-nos-emos sobre Forjães, terra onde a agricultura é a maior fonte de riqueza, apesar de já existirem alguns surtos industriais. Sendo uma das maiores freguesias do nosso concelho, tem, como qualquer outra, aspirações para as carências que suporta, quer do ponto de vista social, como económico. Para tanto e com a preciosa colaboração do nosso correspondente foi-nos possível ouvir a Junta de Freguesia, na pessoa do seu Presidente Sr. Ricardo Ribeiro Torres, entrevista que de pronto iremos transcrever. Na sequência da nossa intenção outros organismos, com interferência na sociedade forjanense, foram ouvidos e das suas palavras fazemos eco noutra local.

Assim como se encontra é uma vergonha. Há água canalizada do Souto de S. Roque até aí, e a Junta que o comprou, foi com o objectivo de colocar nesse local os bustos dos 3 maiores benfeitores de Forjães, Srs.: Rodrigues de Faria, Comendador Marcelino de Queirós e D. Joaquina Moura de Queirós. Que pensam fazer aí?

P. J. — Há já um projecto aprovado pela Câmara. Aguarda-se, porém, estudar a melhor solução, para que esse local tenha a beleza e utilidade que merece. Estamos empenhados nisso.

J. E. — Sabem que o sítio conhecido por «Morena» é um dos mais pitorescos da freguesia, e que foi previsto pelos en-

genheiros do Ciclo Preparatório, construir aí uma ponte para servir os estudantes de Alvarães?

E que, a Lenda da Morena vai ser publicada brevemente num livro, cujo conteúdo se refere sempre às margens do Rio Neiva, suas gentes, seus costumes, lendas e tradições?

P. J. — Essa pergunta está fora das nossas atribuições. Não sabemos nada.

J. E. — Agora que as obras do Ciclo Preparatório estão em bom ritmo, sabem para quando o início previsto do seu funcionamento?

P. J. — Por informações de boa fonte, sabemos que se pensa começar — pelo menos num pavilhão — em Outubro de 1981.

J. E. — E sobre a ponte do rio Neiva a construir junto ao Ciclo Preparatório para dar passagem aos estudantes de Alvarães?

P. J. — Sobre isso, esta Junta nada sabe.

J. E. — Quanto à criação dum Corpo de Bombeiros e Posto da G. N. R.? Falou-se muito nisso.

P. J. — Falar falou-se, mas nada sabemos concretamente. Às vezes as pessoas também sonham...

J. E. — No campo agrícola, que é afinal, onde se emprega mais gente de Forjães, o Sr. Presidente sabe-me dizer alguma coisa que seja de interesse geral?

P. J. — As carências da nossa freguesia são as mesmas de todas as terras. Vive-se só, não há protecção.

Os adubos caríssimos, a mão de obra muito cara e o produto oscilante conforme a produção. É um salve-se quem puder.

Forjães é uma terra de óptima fruta, de bons vinhos e muitos e variados cereais.

FORJÃES E A HISTÓRIA

**FROGIANUS,
VILLA FROIANI,
FROGIÃES
ou FORJÃES**

Dizem uns que vem de forjas. Dizem outros, que do antropónimo gótico, Forja ou Franja.

Foi uma vigararia da apresentação do D. Abade beneditino do Convento de Palme que por tal recebia 70.000 reis.

No livro «Inquirições de D. Afonso II» de 1220, aparece-nos esta freguesia com a designação «De Sancta Marina de Frogiaes» — Terra de Neiva.

A Igreja Paroquial

A medieva — Vila Forjanie — devia ter sido no lugar da Aldeia. Perto há ainda o sítio — Fim de Vila — Cimo de Vila, Rua da Altamira e próximo a Rua do Souto.

E naquele lugar, esteve primitivamente a igreja paroquial. Talvez pelo seu estado de ruínas, foi mudada, no século XVIII, para o local onde se encontra actualmente. É um belo e grandioso templo de 3 naves, que tem na frontaria um nicho com a imagem em pedra da padroeira Santa Marinha.

Uma só torre, com 3 sinos, cuja construção foi em 1848.

Posteriormente, foi lá colocado um óptimo relógio; e, há dez anos, uma cruz exterior iluminada electricamente. No baptistério — que é de mármore — há um painel de Jorge Colaço, representando o baptismo de Cristo. Tem púlpito arrimado à coluna de uma das naves.

A igreja tem 5 altares: O Mor, com retábulo em estilo moderno, muito bem pintado recentemente.

O arco da capela-mor está coberto por um senafo em boa talha. E, de cada lado, estão duas lápides comemorativas.

No tecto, recentemente restaurado, estão pintadas as imagens da padroeira, e, das suas oito irmãs que foram todas santas, segundo uma lenda: Basília, Eufémia, Genoveva, Liberata, Marciana, Quitéria e Vitória. Todas constantes do agiólogo católico.

★

Santa Marinha, nasceu em Braga pelo ano 120 da era cristã. Era filha de D. Cálcia Lúcia, e de Púbro Cáio Atílio Severo, régulo duma província do Império Romano.

Foi martirizada aos 16 anos, por Olíbrio, governador de mesmo Império, que se tinha apaixonado por ela.

Residência Paroquial e Passal

É uma pequena «Quinta» próximo da Igreja. Foi adquirida em hasta pública no tempo da implantação da República pelo capitalista de Forjães, Sr. Rodrigues de Faria, que a doou mais tarde à freguesia. Foi reconstruída em 1952, e é lá que mora o pároco da freguesia.

Capela de S. Roque

De várias capelas dispersas pela freguesia, esta, é a mais antiga e a mais ampla. Foi fundada por familiares dos proprietários do Solar de Pregais — «Os Velhos» Restaurada em 1871.

A sua volta, foi construído um forte paredão em 1877. Veneram-se aqui, S. Roque, Santo Amaro e S. Vicente.

Serviu o culto paroquial durante tempos, por a igreja ter sido arrombada e profanada.

Reza a lenda que em fins do século XIV, grassou uma peste na região, e que o povo devoto de S. Roque, transportou à cabeça, toda a pedra e mais material, para a construção da capela. Diariamente e por muito tempo, fizeram isto por penitência.

Este santo era credor de muitas medidas de cereais, e que algumas foram remidas, mas outras, foram esquecendo!...

Os actuais moradores do lugar — que é o maior e mais populoso da freguesia — e que está distante da igreja, à volta de um quilómetro, anseiam por uma missa dominical — pelo menos nos 3 meses de Inverno — há um padre a residir próximo da capela, e os moradores estão na disposição de pagar tudo que for necessário... Basta, só quererem...

Lendas e tradições

Como todas as terras, Forjães também tem as suas lendas. A da «ninfa» de Curvos, publicada já há alguns anos, e a da «Morena». Ambas, cheinhas de mistério e pontos de interrogação!

Virão juntas à publicidade num livro volumoso, a sair breve. Todo o seu conteúdo abordará costumes, lendas e tradições, das duas margens do rio Neiva. Da nascente à foz.

São autores desse livro, escritores e jornalistas residentes nas margens do rio Neiva.

Solar de Pregais, Quinta de Curvos e Quinta da Calça



São relíquias que Forjães possui e que testemunham uma vivência no passado, cheinhas de História.

No Solar de Pregais, que é velhinho como a Pátria, nasceu o grande navegador português Gonçalo Velho! Só isto bastaria, para que os governos lhe dessem carinho e veneração.

D. Nuno Álvares Pereira — aparentado com os Velhos — fez pousada neste Solar. A Monografia de For-

jães, descreve estes casos com pormenores, e, não só do Solar de Pregais, como das solarengas Quintas de Curvos e Calça. Dos poetas Ponces de Leão e dos guerreiros Abendanhas.

A medieva Vila Forjanie, teve invulgar importância noutros tempos, e ajudou a consolidar a independência da Pátria, como atestam os livros históricos guardados nas bibliotecas públicas e Torre do Tombo.

Escola Rodrigues de Faria

Foi inaugurada em 1934.

Na época, foi considerada uma das melhores do País, e por tal, veio visitá-la, em 25 de Junho de 1936, o Sr. Dr. A. de Oliveira Salazar.

Foi oferecida à freguesia pelo saudoso benemérito forjanense A. Rodrigues de Faria.

Nas suas 6 amplas salas, vêm cravadas nas paredes, artísticos painéis em azulejo com motivos históricos da autoria do famoso Jorge Colaço:

«A visita de Vasco da Gama ao Samorim»;

«O Gigante Adamastor»;

«As Batalhas de Ourique e Aljubarrota».

Estes quadros encantam e emocionam o observador mais atento pela sua sublime beleza e fértil imaginação.

Os fundos são aproveitados para representações teatrais.

Cantina Escolar

Distribui-se diariamente às crianças mais necessitadas, mais de uma centena de refeições.

Esta obra de beneficência, deve-se à generosidade do Sr. Comendador Marcelino de Queirós.

Teatro Popular

No teatro popular, Forjães teve nome na década de 40.

Havia dois grupos rivais. O Dramático e o Recreativo. Ambos, tiveram personagens destacadas.

Os espectáculos — Vida de Cristo — Drama de Santa Isabel — e, — Drama de Santo António — tiveram tal repercussão que a casa era vendida totalmente muitos dias antes! E, desse tempo, ainda se fala hoje de certos «artistas» dessas peças.

Banda de Música

Forjães teve, há muitos anos já, uma regular Banda de Música. Quase tudo morreu já. Os músicos, Ah! Hoje são outros...

Casa do Povo

Fundada por alvará de 14 de Maio de 1943. Inaugurada em 1962.

Presentemente, três médicos e duas enfermeiras, atendem diariamente as muitas centenas de sócios da Previdência.

Comércio e Indústria

Tem Forjães dispersos pelos 16 lugares, 15 estabelecimentos de mercearia, 2 de ferragens, 3 de fazendas, 3 talhos de carnes verdes, 1 padaria, 2 casas de bicicletas e motorizadas, 2 oficinas auto, 1 farmácia, 4 cafés-bares, 2 restaurantes, 3 postos de correio, e várias agências de seguros, gás e bancárias.

★

Tem uma fábrica de serração, uma de azeite, uma de confecções e, algumas pequenas, de fabrico de blocos de cimento. Acabaram as de chinelos de liga, e fósforos «espera galego».

Artistas plásticos

Forjães orgulha-se dos seus dois artistas.

O arquitecto Ovídio Carneiro que já expôs os seus quadros em Lisboa e o autodidata António Mendanha.

Ambos são de rara sensibilidade artística e já temos visto em jornais, caricaturas que definem bem, o talento desses dois jovens.

A Pensão Martins e o Café Carioca, têm nas suas salas, quadros em exposição destes autores.

O Padre Joaquim

Os últimos, às vezes, são os primeiros na consideração das pessoas.

O P.e Campos Lima amava tanto Forjães, quase até à idolatria.

E assim se entende que despejasse na sua terra natal, milhares de contos em «coisas» que ele muito bem sabia, que era necessário gastar.

A perpetuar a sua memória, estão as capelinhas dispersas pela freguesia, e sobretudo aquele escadório com Santa Marinha e todas as suas irmãs, esculpidas em pedra.

O P.e Joaquim foi um homem bom, que esquecia a sua vida particular, para dar-se inteiramente aos outros.

Bem haja.

(continua na 5.ª página)

FOTOGRAFIA

estúdio

14

CARLOS ALBERTO PALMEIRA

Casamentos
Baptizados
Comunhões
Banquetes

Telefone - P.p. 87126
Forjães

Daniel Pereira da Silva
CONSTRUTOR CIVIL

Rua do Souto * Telefone 87332

Forjães

Forjães e o Desporto

Homens castiços

Forjães ainda tem pessoas, que pela sua memória, pelo bom humor, ou até pelas respostas graciosas, se destacam das outras criaturas: o Alvaro Lancha, o Costa Pito e outros.

O Zé da Quinta, é uma enciclopédia. Sabe tudo relativo à freguesia, e descreve-o com pormenor. É capaz de recitar poesias antigas uma tarde inteira!

Além desta faceta, o Zé da Quinta tem pensamentos que definem um bom observador.

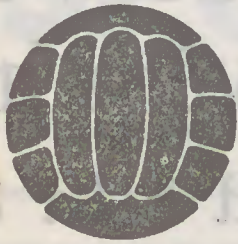
A última que me contou: — Todo o homem que nascer pobre, viver pobre, e casar com uma mulher rica, não deve nada a Deus.

Quem se não lembra do Titó, do Mouco, do tio Bolo, do Balanceiro e doutros que a morte já ceifou?

Hoje, graças a Deus, ainda temos alguns, que se quiserem, são capazes de alegrar um auditório, numa tarde inteira.

A graça repentina e mordaz do Alvaro Rafael dispõe melhor do que muitos artistas consagrados que se pagam para se ouvirem. É só ele estar bem disposto...

Entrevista com o Vice-Presidente do Forjães S. C.



Em 15 de Abril de 1967 foi fundado o Forjães Sport Clube. Nesse mesmo ano foi campeão da III Divisão da Associação de Braga.

No ano seguinte foi campeão da II Divisão Regional de Braga e ascendeu à I.

Foi mais tarde campeão da I Divisão de Braga e disputou por três vezes a III Divisão Nacional.

Hoje o Forjães S. C. disputa a I Divisão da Associação de Viana do Castelo.

O Parque de Jogos foi oferecido ao Clube pelo Sr. Horácio de Queirós, que lhe deu o nome.

Tem rink de patinagem, sanitários, bar e está electrificado.

O velho campo de S. Roque já nada vale para o desporto, infelizmente.

P. — Quantos atletas tem o Forjães Sport Clube?

R. — O Forjães, neste momento, possui um plantel de 30 jogadores.

P. — Tudo prata da casa?

R. — Apenas três elementos são de fora: Manuel Fernandes é de Belinho; Raúl é de S. Paio de Antas; e o Lima de Chafé.

P. — Os resultados ultimamente não têm sido famosos. Porquê?

R. — Concordo com a pergunta. No entanto penso que isso se deve ao lançamento de gente ainda sem experiência, porque dos elementos que compunham o nosso plantel de há 3 anos, só restam 3 elementos, visto os restantes ingressarem noutros clubes.

P. — Há atletas pagos pelo clube?

R. — Não. Os nossos atletas têm apenas, de há 7 anos a esta parte, uma gratificação de 100\$00, quer se ganhe, empate ou perca.

Isto é o garante do nosso clube ser o mais amador do País.

P. — Quem é actualmente o treinador?

R. — É o Porfírio de Carvalho, antigo atleta do clube.

P. — Há passivo na actual administração do clube?

R. — Não. Nos moldes em que o clube trabalha é muito difícil haver passivo.

P. — Quantos sócios tem o clube?

R. — O clube só tem 170 sócios, visto ser este o resultado da última actualização de sócios.

Preferimos poucos, mas bons.

P. — A freguesia tem colaborado?

R. — Infelizmente não, o que lamentamos, visto ser o Forjães S. C. o maior e melhor melhor embaixador da terra.

P. — A política afectou o clube?

R. — Penso que sim. Aliás, esta é uma pergunta que vem muito a propósito, pois é aqui que joga toda a problemática e toda a confusão no clube.

Tudo isto devido à má formação das pessoas que confundem opções, e não querem ou não podem perceber determinados pontos de vista que nada têm a ver com a política.

Eu aqui, lanço um apelo a todos os amigos do clube, para porem as opções políticas de lado, pois o clube não é meu. É de todos os forjanenses bem intencionados.

Se todos quiserem, o clube pode ser grande.

P. — Que ambições há?

R. — Muitas. Em primeiro lugar iremos lançar mão à cobertura das bancadas. De-



pois, seria a cobertura do rink para a prática de outras modalidades.

Em suma, gostaríamos de ver o Forjães S. C. com boas estruturas montadas para que fosse possível vê-lo de uma maneira diferente. Sendo um

clube não virado só para a prática do futebol, mas de outras modalidades, onde todas as pessoas da terra pudessem praticá-las para o seu bom desenvolvimento físico e psíquico e a bem da freguesia de Forjães.

Ciclo Santa Marinha

DE — José Albino Arriscado Ribeiro
Motociclos — Acessórios — Pinturas

Agente das Moto-Serra HUSQVARNA
REPARAÇÕES

TELEF. p.p. 87126

FORJÃES

MANUEL ALVES DA CUNHA

CONSTRUTOR CIVIL

Mercearia e Vinhos (Junto ao Campo de Futebol)

TELEF. 87307

FORJÃES

CENTRO COMERCIAL ALVORADA

Alimentos — Livraria — Electrodomésticos
Som — Decoração

Sá Cruz & Araújo, Lda.

FORJÃES

CAFÉ-BAR

DE — MANUEL DE SÁ DOMINGUES

ALMOÇOS — JANTARES

Estrada da Madorra

FORJÃES

Café CARIOCA

NOVAS INSTALAÇÕES

BAR ☆ CAFÉ ☆ MERCEARIA FINA

REPRESENTAÇÕES

TELEF. 87126

FORJÃES

CASA DE PASTO — MERCEARIA

CAFÉ

DE Domingos Torres da Cruz

FERRAGENS, DROGAS E ADUBOS

SALÃO DE BILHARES

TELEF. 87141

FORJÃES

Oficina de Carpintaria

DE ÁLVARO RODRIGUES DE ALMEIDA

madeiras nacionais e estrangeiras

Competência — Honestidade.

FORJÃES

Café-Restaurante MARTINS

DE — Manuel Campos Ribeiro Martins

Casa Especializada no Bacalhau à MARTINS

Serviço: CASAMENTOS e BAPTIZADOS

TELEF. 87267 — FORJÃES

Assinaturas

Pagaram, a sua assinatura anual de «Jornal de Esposende», os nossos assinantes: Abílio Menina, Abílio S. Teixeira, Adriano Vareiro, Agostinho Neiva, Prof. Agostinho Teixeira, Dr. Agostinho Reis, Major Albino Viana, Alexandrino Hi-

pólito, Alfredo Areias, Alvaro Paquete, Cap. Amadeu Moreira, D. Amélia Magalhães, Américo Velasco, António A. Santos, António Eduardo Ferreira, António G. F. Silva, António Jorge Santos, António José Ferreira, António Campino, Matos Mimoso. (continua)

IDEIAS & FACTOS

Terá o homem medo de si mesmo? (4)

Se me permitem, eu rectificaria 2 ou 3 palavras em relação ao número anterior. Assim, quando falo em fenómenos extranormais, segundo a origem, onde se lê «rapso», deve ler-se «raps»; hesitações — levitações; casal mal assombradas — casas mal assombradas. Nos parâmetros: precognição — precognição; e retrocognição — retrocognição.

Fenómenos extranormais

Neste trabalho reflectiremos um pouco nos fenómenos extranormais: num futuro dos paranormais, e deixarei os sobrenaturais por focar, já que não dizem respeito à parapsicologia em si, embora a escola teórica (é um ramo da eclética) se preocupe com o seu estado.

Os efeitos físicos, exige a presença da própria pessoa no «local» do acontecimento, já que é através dum seu membro (dedo, tornozelo, joelho...) que se produz um determinado fenómeno. Um dos casos mais interessantes é o da tiptologia os tais raps: ruídos de todos os tipos, produzidos em qualquer modalidade. Não confundir a tiptologia fraudulenta onde assenta o espiritismo, e portanto as sessões espíritas são fraudulentas, com os casos verdadeiros.

Em geral os ruídos são produzidos sobre madeira seca e os golpes são secos embora violentos, como por exemplo, «uma mesa de 1 metro, cujas tábuas estavam todas ensam-

bladas e solidamente unidas, quebrou-se em pequenos pedaços, no meio de ruídos violentos, assim que as pessoas apoiaram nela, de leve, os dedos...» (O que é a Parapsicologia, p. 50).

Os efeitos psíquicos, talvez mais interessantes, não são mais que exteriorizações e transformações (materializadas) da energia do organismo do dotado, chamada Telergia. A telergia possui grande grau de penetração (superior à dos raios X e à dos raios gamma da rádio); por outro lado, a telergia é material já que se lhe podem opôr obstáculos. Há quem lhe chame «bioelectricidade», por ser uma força análoga à electricidade. A telergia é orientada pela vontade inconsciente do dotado.

Caso de veras interessante é

Pelo DR. MANUEL ANTÓNIO SAMPAIO AZEVEDO

o chamado «aporte»: é o adolescente que, estando no seu quarto a trabalhar, e num determinado momento, se encontra rodeado por pedras, as quais, vieram para junto dele sem ninguém lhe pôr as mãos; ou então, as pedras e outros objectos levantam-se sozinhas e vêm bater, como chuva, — duma maneira impressionante quer pela trajectória lenta quer certa que fazem, nas janelas da oficina que o pai do adolescente possui, partindo os vidros! E isto hoje, amanhã e nos dias mais...

Penso que pouca gente é capaz de se convencer disto! É normal. Mas avancemos. Penso que, perante casos deste género é normal que as dores de

cabeça surjam sobretudo entre a família e os vizinhos (estes em geral a atribuir a culpa a quem já morreu...) E se casos deste género não forem tratados como deve ser, isto é, naturalmente, penso que as consequências podem ser catastróficas.

Em 1.º lugar, e já o dissemos, esse «trabalho esquisito, misterioso», deve-se a um ser humano e só poderá ser resolvido, resolvendo a possível ou possíveis causas internas (as quais podem ser desencadeadas por factores externos) causas essas que originam uma tal tensão no humano, a qual depois terá de ser descarregada. E a descarga surge de maneira «misteriosa» segundo a vontade e opção do inconsciente.

Em segundo lugar, e sobre-

tudo quando a tensão é provocada por causas exteriores à pessoa que produz tais fenómenos, a descarga é feita, ou atinge, sempre objectos que pertençam à pessoa causadora (pode ser um elemento da família, ou a família toda). O certo é que, a causa externa tem de estar muito ligada, pelo menos muito afectivamente, ao produtor). Se é o pai vai atingir algo que lhe pertença e que lhe é querido! O mesmo se diga com a mãe. Não só, como vemos, atinge a pertença em si, mas algo (objecto) que é muito querido à pessoa (nesse caso a causadora).

Estou-me a lembrar dum

(continua na 2.ª página)

QUE FUTURO NOS ESPERA...

Os Voluntários vêm interdita a sua acção

Talvez venha a causar surpresa e até apreensão, para aqueles que gostam e admiram o trabalho altruísta dos Bombeiros Voluntários, a reflexão que hoje levamos aos leitores. Como é do conhecimento, os Bombeiros Voluntários são homens que, tendo a sua actividade profissional nos mais variados sectores, também se dedicam, sempre que é necessário, ao socorro de vidas e haveres das populações em que estão circunscritos. É sabido que em qualquer localidade em que os haja, sempre que tocam as sirenes, é para os chamar aos quartéis porque há alguém a necessitar da sua valiosa ajuda. São vidas e haveres em risco de se perderem. Surpreendentemente e a qualquer hora, o infortúnio bate à porta de quem quer que seja. Quem espera pelo socorro do Bombeiro, conta os minutos como se fossem horas.

Ora, o que acontece hoje, na generalidade, é que as entidades patronais (algumas; pois ainda há pessoas de bom senso) exercem certo tipo de coacção, aos empregados que sejam Bombeiros Voluntários. Isto mesmo em Esposende também. Sejam as principais, os descontos de horas, vencimentos, ameaças de despedimento, etc. Por outro lado, os contratos de trabalho em alguns sectores, não especificam estas eventualidades. Vai daí, o patrão que nem sequer pensa que o fogo pode ser em sua casa, diz redondamente que não.

No último Congresso dos Bombeiros, foram vários os comandantes de corporações, que se queixaram destes factos. Certas localidades e em horas de trabalho, não chegam a reunir 6 homens nos quartéis para extinguir um incêndio. Gerências há que, quando um cidadão se candidata a emprego, lhe é vedado por ser Bombeiro Voluntário. Parece inacreditável mas é verdade.

Para onde caminhamos então? Acabam-se com os voluntários ou vamos deixar correr a nobre causa ao sabor de irresponsáveis egoístas?

— Ah. Eu dou x contos por ano aos Bombeiros!

Pois sim. Está muito certo. Uma ajuda dessas, é sempre bem recebida e até é homenageado e tudo. Mas se não liberta o empregado quando a sirene chama, não vão as x notas de conto socorrer as vítimas, socorrer os naufragos, nem apagar os incêndios!

Meditem bem esta situação. O alerta fica dado. Estimem e acarinhem os Bombeiros Voluntários.

Esposende e os Astros...

PREVISÕES PARA 1981

«Jornal de Esposende» foi à bruxa para ver como era!

É verdade. Para todas as coisas é necessário ter «lata». E nós decidimo-nos consultar os astros para sabermos o que nos reserva o novo ano.

A dificuldade estava em saber onde deveríamos ir. Depois de tantas informações colhidas, aqui e ali, lá fomos. E fomos todos, não fosse a bruxa desconfiar.

Não vamos, como é evidente, confessar as peripécias que tivemos para conseguir este objectivo. Ficará para mais tarde.

O que interessa, realmente, são as previsões que foram feitas e que a concretizarem-se

modificarão totalmente Esposende. Nada de catastrófico; apenas alterações ligeiras, já que a quadratura entre Júpiter e Plutão se limita à diferença de grandeza entre ambos.

Mas passemos aos factos ou, melhor, aos vaticínios.

Esposende vai ter no ano de 1981 turismo de qualidade. Não mais as participações organizadas «sobre os joelhos», mas sim presenças ponderadas e dignas. Imaginem que se prevê um certame etno-turístico, de características comerciais, segundo os astros com

fortes probabilidades de êxito, no mês de Agosto.

A vila irá ser assolada por uma praga que obrigará todos os esposendenses a virem para a rua, isto, durante os meses de Verão. Segundo o estudo astrológico, nesse período, tanto o Sol como a Lua estarão em Neptuno, o que ocasionará uma vaga, não de calor, mas de verdura, provocando o nascimento de inúmeras plantas e árvores, que se encontram em estado de hibernação, no subsolo, desde o desaparecimento de D. Sebastião.

Também nessa altura, e para, desde já, iniciar as comemorações do Centenário do falecimento de António Rodrigues Sampaio, todos os pinheiros mansos, plantados no Largo do seu nome, crescerão da noite para o dia. Será chamada a Revolução Verde de Setembro.

O ano que entrou será o da concretização de promessas feitas para construção do molhe de defesa de Esposende se, para tanto, o signo do Sr. Director-Geral de Portos estiver «numa boa».

Culturalmente assistiremos

ao maior incremento dos últimos anos. Várias palestras, exposições e actividades paralelas se irão desenvolver. Curioso notar que se prevê a encenação duma peça de teatro, a estreiar por alturas do signo de Carneiro.

O Mercado Municipal será invadido por extra-terrestres que permitirão a venda livre de peixe nas ruas, coisa que agora não se faz, tendo em consideração as reivindicações das concessionárias das bancas respectivas.

Com o adubo existente na Praia de Suave-Mar, esta será transformada em «maceiras»

e leiloada para cultivo, isto porque o Sol durante o Verão irá passar férias a Saturno.

Finalmente, e esta diz-nos respeito, «Jornal de Esposende» será quinzenário, se, entretanto, os fluidos negativos se dissiparem das cabeças de muita gente. Mas mais empolgante é a possibilidade de atingirmos durante 1981 os 2000 assinantes, tendo em consideração que, também, neste novo ano, vai grassar uma epidemia de bairrismo.

Só isto, porque a bruxa teve um ataque de pasmaceira intelectual, tendo sido internada de URGENCIA.

JORNAL DE ESPOSENDE

Redacção - Admin.: Avenida Marginal (ao Norte) — 4740 ESPOSENDE



PORTE
PAGO

avençado

ASSINATURAS 80/81

Chama-se a atenção dos nossos assinantes para o pagamento da assinatura do corrente ano.

A nível local a cobrança iniciará-se brevemente.

No País: 180\$00 — Estrangeiro: 360\$00